

ENSINO DE FILOSOFIA: SUA HISTÓRIA E A INTERDISCIPLINARIDADE EM AULAS DE 45 MINUTOS SEMANAIS

Frederico Silva Lopes AGUIAR; Carmelita Brito de Freitas FELÍCIO
Faculdade de Filosofia (FaFil) - Universidade Federal de Goiás
frederico1986@hotmail.com

Palavras-chave: filosofia; ensino; história; interdisciplinaridade.

Justificativa / Base teórica

A partir do ano de 2008 a filosofia volta a ser matéria obrigatória no currículo das escolas de ensino médio brasileiras. Já na década de 1980, quando esta disciplina ainda permanecia fora do ensino médio, surgiam discussões sobre seu método de ensino, conteúdo a ser aplicado e quantidade de carga horária necessária. Encontramos na literatura especializada, propostas de ensino de filosofia que privilegiam os temas, em detrimento da ordem em que os mesmos aconteceram na história. Por outro lado, nos deparamos com autores que fazem a defesa de um ensino articulado a certa ordem cronológica. Alguns, ainda, chegam a duvidar da possibilidade de oferecer o ensino da filosofia no nível médio. O fato é que temos a disciplina sendo oferecida aos estudantes do nível médio e, baseado nos Parâmetros Curriculares Nacionais para o Ensino Médio, vemos que as competências e habilidades a serem desenvolvidas pela filosofia são:

Ler textos filosóficos de modo significativo; ler, de modo filosófico, textos de diferentes estruturas e registros; articular conhecimentos filosóficos e diferentes conteúdos e modos discursivos nas ciências naturais e humanas, nas artes e em outras produções culturais; contextualizar conhecimentos filosóficos, tanto no plano de sua origem específica quanto em outros planos: o pessoal-biográfico; o entorno sociopolítico, histórico e cultural; o horizonte da sociedade científico-tecnológica; elaborar, por escrito, o que foi apropriado de modo reflexivo; debater, tomando uma posição, defendendo argumentativamente e mudando de posição em face de argumentos mais consistentes (Ministério da Educação, 1999, p. 44).

Estas são competências e habilidades que os alunos devem desenvolver após entrarem em contato com a disciplina no ensino médio. A maior dificuldade e divergência entre opiniões dizem respeito ao modo como a disciplina deve ser apresentada aos estudantes. Nos PCNs para o Ensino Médio, há uma referência explícita “ao espírito de uma legislação que destina um papel primordial para a Filosofia no Ensino Médio” (p. 45). Isso fica mais claro quando é apontado

o foco para a interdisciplinaridade, proposta como eixo estruturante a ser privilegiado em toda formulação curricular e o modo como devem ser tratados os conhecimentos filosóficos, conforme indicado expressamente na Resolução

03/98, a saber, no § 2º, alínea b do Artigo 10 – “*As propostas pedagógicas das escolas deverão assegurar tratamento interdisciplinar e contextualizado para os conhecimentos de filosofia*” (p. 45). Assim, o papel da Filosofia fica alargado e poderemos, a partir de qualquer posição em que estivermos, ajudar a pôr em marcha a cooperação entre as diferentes perspectivas teóricas e pedagógicas que compõem o universo escolar (p. 45-46).

Sem um foco interdisciplinar para o ensino médio em geral, incluindo a filosofia, dificilmente conseguiremos em aulas de 45 minutos, uma vez por semana, despertar nos alunos a capacidade de ler textos filosóficos de modo significativo, contextualizar conhecimentos filosóficos, fazer com que eles debatam os conteúdos expressos nos textos e elaborem escritos de modo reflexivo. Ao observarmos a riqueza da história da filosofia, percebemos a ligação entre várias áreas do conhecimento dispostas em lugares distintos no modo contemporâneo de organização dos cursos no interior da academia, caracterizado pela fragmentação e especialização cada vez maior das disciplinas. Tanto é que, matérias específicas que se encontram dentro das ciências naturais, por exemplo, como a mecânica e a física teórica ou quântica, não se comunicam por falta de convergência conceitual. Porém, ainda hoje, no currículo das escolas de nível médio brasileiras, se encontramos a possibilidade de trabalhar os conteúdos de filosofia através de eixos interdisciplinares com outras matérias é porque, praticamente todos os assuntos estudados em filosofia são passíveis de tratamento interdisciplinar com a biologia, matemática, artes, história, etc. Além disso, como nota Sívio Gallo (2002, p. 201)

[...] da mesma forma que um jovem precisa, em sua formação, para que essa seja completa e não apenas um “treinamento” para uma profissão ou mesmo para o mundo, ter acesso ao universo de produção de saberes das mais diferentes disciplinas científicas, como forma de conhecer e compreender o mundo, ele precisa ter acesso ao universo da produção artística e da produção filosófica. E não apenas para compor um repertório cultural amplo, como afirmam alguns; esse repertório é importante, mas não suficiente. Se o mundo é uma diversidade, é preciso que se conheça ou ao menos se tome contato com as diferentes perspectivas. (GALLO, 2002, p. 201).

Se observarmos, porém, o modo de estruturação dos cursos de graduação na atualidade perceberemos que estes têm se tornado cada vez mais incomunicáveis e distantes um do outro. Por isso, “a interdisciplinaridade é o lugar onde se pensa hoje a condição fragmentada das ciências e onde, simultaneamente, se exprime a nossa nostalgia de um saber unificado” (Pombo, 2004, p. 5). Todavia, seria uma ingenuidade propor a recuperação da unidade dos saberes, mas tratar-se-ia, isso

sim, de propor diálogos entre as várias áreas de conhecimento, com vistas à superação das limitações impostas pelo isolamento disciplinar.

Nossa perspectiva se volta, assim, muito mais a esse exercício de pensar o problema da formação filosófica de jovens que não tiveram, ainda, contato com a matéria de filosofia, e de propor formas de ensiná-la, de tal maneira que os estudantes possam ter acesso ao conhecimento filosófico de forma mais eficaz e completa.

Objetivos

Trata-se de defender a necessidade de um eixo interdisciplinar para que os alunos consigam visualizar e situar o conhecimento filosófico ao lado das outras áreas do conhecimento e, então, desenvolver as habilidades e competências propostas nos parâmetros curriculares para os conhecimentos de filosofia no ensino médio, com os quais concordamos. Do ponto de vista mais prático, porém, interessamos a contribuição que o professor de filosofia pode oferecer, na perspectiva de um trabalho conjunto com professores de outras disciplinas. Assim, concordando com a proposta de Milton Meira Nascimento (1986, p. 117), o procedimento interdisciplinar “não constitui nenhuma intromissão do professor de filosofia em domínio alheio, mas sim, intercâmbio entre áreas distintas, e que poderá resultar em benefício para todos, guardadas, evidentemente, as especialidades de cada professor”.

Assim, nosso estudo pretende oferecer uma contribuição para qualificar a formação de alunos no nível médio de ensino, busca valorizar a dimensão didático-pedagógica da filosofia e, com isso, o que se quer é contribuir na formulação de uma proposta didática afinada com as especificidades de seu ensino.

Metodologia

As investigações no campo da pesquisa teórica realizadas até a fase atual de desenvolvimento do nosso projeto possibilitaram construir uma base que nos permitiu produzir dois textos apresentados em dois eventos acadêmicos: o primeiro em janeiro de 2011, no Encontro Nacional dos Estudantes de Filosofia realizado em Niterói-RJ e o outro, em maio de 2011, no IV Encontro Estadual de Didática e Práticas de Ensino – EDIPE, em Goiânia-Go.

Do ponto de vista prático, o foco de nossa atenção está centrado na observação, no diagnóstico e na análise dos problemas com os quais vimos nos

defrontando, a partir de uma experiência realizada no primeiro semestre de 2011, na escola-campo de atuação dos bolsistas integrantes do PIBID¹. O trabalho foi realizado no campo da docência, por meio de uma disciplina optativa – Filosofia Geral e da Educação - oferecida pelo professor supervisor, com a participação ativa dos bolsistas integrantes do projeto de filosofia do PIBID/UFG.

Ocupamo-nos, assim, ao longo do semestre, com o trabalho de orientação a um grupo de alunos, com o objetivo de estudar o problema do aborto. O tema foi escolhido por eles próprios. Para realizar esse trabalho, as orientações e procedimentos metodológicos coincidem com a proposta que apresentamos acima, qual seja, foram oferecidos aos alunos elementos que lhes permitissem pensar o problema do aborto, de uma perspectiva histórica e interdisciplinar.

Resultados / Discussão

O embasamento teórico que estamos construindo tem nos permitido problematizar as condições do ensino de filosofia no colégio, especialmente no que diz respeito ao enfrentamento das dificuldades de aprendizagem dos alunos matriculados na disciplina acima referida. Sem sombra de dúvida, as defasagens linguísticas dos alunos tem sido o maior problema que temos encontrado.

A questão perturbadora que vem nos desafiando é: como ensinar filosofia para alunos que apresentam imensas dificuldades com a leitura e a escrita? Partimos do princípio de que, o ensino da filosofia pressupõe a aproximação dos estudantes com os problemas que preocuparam os filósofos, como também com o modo por meio do qual eles pensaram esses mesmos problemas, a partir dos argumentos que fundamentam e justificam suas teses. Tal abordagem nos conduz à proposta aqui defendida, a qual carece de uma melhor sistematização, já que o projeto em curso ainda não nos permite avaliar o que fazer para criar mediações pedagógicas que possibilitem o acesso dos jovens à aprendizagem filosófica, neste nosso tempo em que a precária realidade cultural dos alunos da escola pública se coloca como o grande desafio a ser enfrentado pelos professores de filosofia.

Conclusões

Valendo-nos das experiências que temos tido, ao presenciarmos as aulas de filosofia, constatamos que essas aulas não são focadas em uma abordagem

¹Colégio Estadual Pré-Universitário, situado no setor Leste Universitário, em Goiânia, Goiás.

interdisciplinar e nem tampouco na detida explanação histórica da filosofia, abrangendo suas problemáticas e argumentações. Nas salas de aula, o que vimos presenciando, não raro, é apenas uma maneira de produzir falsas teorias sem qualquer conexão conceitual rigorosa. Não propomos que o ensino através da história da filosofia exclua a análise conceitual. Porém, explicar conceitos sem recorrer à história ou simplesmente ignorá-la, torna o ensino frouxo. Talvez este ensino frouxo seja o mesmo “blábláblá” filosófico mencionado por Marcos Nobre (2007).

Reafirmamos, então, a necessidade de propiciar aos alunos o conhecimento do maior número de escolas filosóficas, seria uma forma de contribuir para que o ensino da filosofia não perca o vínculo com a riqueza da nossa tradição filosófica, como também com a fecundidade de uma abordagem interdisciplinar, que permita aos estudantes o contato com a maioria dos pensadores que, até a era moderna, se preocupavam em discutir os temas filosóficos de forma articulada aos problemas que constituíam, também, objeto de preocupação da matemática, da ética, da política, da metafísica, da física, entre outros campos do saber.

Referências bibliográficas

GALLO, Sílvio. Um olhar sobre o ensino de filosofia. In: FÁVERO, Altair Alberto, KOHAN, Walter Omar, RAUBER, José Jaime (orgs.). *Filosofia no ensino médio*. Ijuí: Ed. Unijuí, 2002 (Coleção filosofia e ensino).

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO/Secretaria de Educação Média e Tecnológica. *Parâmetros curriculares nacionais – Ensino Médio*. Brasília, DF, 1999.

NASCIMENTO, Milton Meira. A filosofia no segundo grau – sua importância, sua especificidade. In: NIELSEN NETO, Henrique (org.). *O ensino da filosofia no 2º grau*. São Paulo: SOFIA Editora SEAF, 1986, p. 115-118.

NOBRE, Marcos; TERRA, Ricardo. *Ensinar filosofia: Uma conversa sobre aprender a aprender*. Campinas, SP: Papyrus, 2007.

POMBO, Olga. *Interdisciplinaridade e integração dos saberes*. Disponível em: <http://www.educ.fc.ul.pt/docentes/opombo/investigacao/porto%20alegre.pdf>.

Acesso em 13, novembro, 2010.

Fonte de financiamento

CAPES – Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior / Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência – PIBID